

# Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407  1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de.  CDD 801.95
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>66</b>
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>77</b>
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	



<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>89</b>
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros	
José Wanderson Lima Torres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira	
Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli	
Leonardo José Rodrigues	
Nádia Vieira Simão	
Pâmela Natiele Pereira Bispo	
Viviane Ellen Araújo Pereira	
Débora Cristina Santos e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>111</b>
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>123</b>
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>134</b>
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa	
Ana Lúcia Trevisan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>145</b>
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>151</b>
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa	
Thiago de Sousa Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>160</b>
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
<a href="#">Rodrigo Peixoto Barbara</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>171</b>
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
<a href="#">Claudia Barbieri Masseran</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>181</b>
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
<a href="#">Érica Patricia Barros de Assunção</a>	
<a href="#">João Benvindo de Moura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>192</b>
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
<a href="#">Erika Camila Pereira dos Santos</a>	
<a href="#">Cláudio Guilarduci</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>203</b>
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
<a href="#">Jesuino Arvelino Pinto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>213</b>
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
<a href="#">Andrea Carla de Miranda Pita</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>221</b>
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
<a href="#">Iasmim Santos Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>232</b>
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
<a href="#">Iêda Carvalhêdo Barbosa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>241</b>
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
<a href="#">Maria Luand Bezerra Campelo</a>	
<a href="#">Vanessa de Carvalho Santos</a>	
<a href="#">Wander Nunes Frota</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240725</b>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>251</b>
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
<a href="#">Patricia Horta</a> <a href="#">Livia Bocalon Pires de Moraes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240726</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>263</b>
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
<a href="#">Juliana Carvalho de Araujo de Barros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240727</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>270</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>271</b>

## LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

**Melina Xavier de Sá Morais**

Universidade Federal de Uberlândia – UFU  
Uberlândia – MG

**RESUMO:** As discussões por nós apresentadas neste artigo têm como intuito discutir sobre o uso do texto literário nas classes de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE). Em termos conceituais, analisamos o exercício e/ou a aplicação da leitura nas aulas E/LE como estimuladora do senso crítico e cognitivo dos alunos, bem como sendo capaz de contribuir significativamente para o desenvolvimento linguístico, cultural e imagético por parte dos estudantes de LE. Portanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica de forma exploratória sobre o tema proposto – o uso da literatura nas aulas de LE, em especial, das classes de espanhol. A literatura nas classes de E/LE, então, contribui para que os estudantes desenvolvam o senso crítico, a cidadania, a sensibilidade e o respeito à cultura do outro.

**PALAVRAS – CHAVE:** Texto Literário; Classes de LE; Texto literário nas classes E/LE;

**ABSTRACT:** The discussions we present in this article are intended to discuss the use of the literary text in the classes of Spanish as a Foreign Language (E/LE). In conceptual terms, we analyze the exercise and/or the application

of reading in E/LE classes as a stimulator of the students' critical and cognitive sense, as well as being able to contribute significantly to the linguistic, cultural and imaginary development of LE students. Therefore, we carried out an exploratory bibliographical research on the proposed theme, the use of literature in LE classes, especially the spanish classes. The literature in E/LE classes, so then helps students develop critical thinking, citizenship, sensitivity, and respect for the culture of the other.

**KEYWORDS:** Literary Text; Classes of LE; Literary text in the E/LE classes;

### 1 | INTRODUÇÃO

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial [...]. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela [...]. Dado que a literatura ensina na medida, em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

Antonio Candido (2006).

Aos encantos da epígrafe de Antonio Candido (2006), principiamos nosso estudo tendo como análise o texto literário nas classes de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE). Consideramos para este estudo, a grande relevância em se trabalhar de forma coadjuvante as classes de LE (Língua Estrangeira), com o texto literário. Como apresentado acima no excerto, partimos do pressuposto de que a leitura literária tem um forte caráter formador nos indivíduos, dessa forma, mediante a fruição da arte literária, se assim pudermos reputar, molda os valores dos seus leitores, ou melhor, o texto literário para o autor teria o papel de humanizar o leitor, de forma a fazê-lo vivenciar as mais variadas experiências humanas. Ora, através da leitura nos é permitido experienciar sensações às vezes não vividas que decorrem, muitas vezes, das diversidades culturais apresentadas por uma dada obra (alimentação, vestimenta, religião, credices, dentre outros.) e, por consequência, acaba por nos permite conhecer o outro, ou melhor, a cultura do outro (um gesto de alteridade).

Outrossim, partindo do pressuposto de que a literatura seja uma modalidade impar de comunicação, em vista das suas variadas possibilidades de diálogo com leitores de épocas diversas, nos permite inferir que o uso do texto literário nas classes de LE corrobora para o desenvolvimento cognitivo, humanitário e crítico dos alunos. Dessa forma, o ensino da literatura nas classes de E/LE, permite aos professores agregar as práticas tradicionais de ensino de LE, o exercício crítico/reflexivo e interpretativo, de forma a tornar as aulas mais dinâmicas, desafiadoras e motivadoras.

Por outro lado, a linguagem poética permite aos alunos desvendarem o universo da aquisição de uma segunda língua de forma diferenciada, pois através do texto literário os alunos são imersos a uma variedade de formas de linguagens e atividades culturais, bem como interpretativa, o que possibilita o desenvolvimento das habilidades de aprendizagem (audição, fala, escrita e leitura) dos estudantes. A utilização da literatura, assim, nas classes E/LE tem para nós uma grande relevância, pois o ser humano nasce apto a desenvolver de forma contínua sua capacidade de cognição, que se dá através da dedicação, do interesse, da disciplina e, principalmente, pelo conhecimento compartilhado (mediado pelo outro). Ao associarmos essa capacidade intelectual humana, ao exercício crítico e reflexivo mediado pelo texto literário, pretendemos agregar novas formas didáticas ao ensino de E/LE e, por conseguinte, formar indivíduos que saibam interagir, indagar e transformar o mundo de maneira autônoma e espontânea.

Com o estudo objetivamos, portanto, permitir aos alunos de E/LE, não apenas conhecimentos linguísticos e/ou gramaticais na aprendizagem de uma segunda língua, mas permitir a eles, sobretudo, a formação integral de um idioma mediante a literatura. O trabalho do texto literário nas classes de E/LE, então se apresenta como um instrumento facilitador e estimulador de ensino, o que permite ao professor trabalhar de forma irreverente e estimuladora do senso crítico e reflexivo dos alunos,

já que a literatura aparece nesse processo de ensino como um aparato de imersão cultural. Tal imersão se dá pelo contato com os vocábulos, personagens e descrições apresentadas pelo texto; o estudante entra em contato com a língua a qual se propõe estudar e acaba por assimilar conhecimentos correspondentes à cultura do outro.

Diante dessas colocações, propomos uma metodologia bibliográfica, a fim de analisar o que críticos e estudiosos têm produzido acerca do ensino do texto literário nas classes de E/LE. Para melhor elucidar sobre o ensino da literatura nas classes de LE recorreremos aos textos que abordam a sua utilização não apenas para a aprendizagem de uma segunda língua, como, também, para aquisição de saberes sobre outra cultura. Dessa forma utilizamos os seguintes teóricos: Freire (2011), Machado (2011), Zilberman (2010), Gonçalves (2012) e Candido (2006). De modo específico, nosso trabalho vislumbra a aplicação do texto literário nas classes de E/LE de forma a agregar ao ensino de LE a formação de alunos que não saibam apenas se comunicar em outro idioma, mas que saibam identificar a cultura do outro e que, além do mais, saibam refletir sobre sua própria cultura, bem como sobre as diferenças que perpassam os povos. Ao construirmos alunos críticos e reflexivos, mediante o auxílio do texto literário, possibilitamos aos alunos nas classes de E/LE, cotejar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas expressões específicas. Por conseguinte, estimulamos o diálogo entre alunos e entre aluno - professor.

## 2 | DESCRIÇÕES ACERCA DO ENSINO DA LITERATURA

Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade; se desistimos da leitura quando encontramos a primeira dificuldade. [...] Se um texto às vezes é difícil, insiste em compreendê-lo.

Paulo Freire (2011).

Nas classes de língua maternas, mas, sobretudo nas aulas de LE é de fundamental relevância nos atermos às considerações expressas por Freire no excerto acima. Quando Freire propõe aos leitores não desanimarem no primeiro obstáculo durante a leitura de um texto, ele acaba por construir um saber crítico, reflexivo e autônomo por parte dos alunos, visto que para se ler e interpretar um texto, o leitor deve concentrar-se e criar, mediante o auxílio do professor, estratégias de leitura, a fim de desvendar a mensagem central do texto. Para tanto, o professor pode sugerir que os alunos se valham de alguns recursos (dicionários, internet, textos, dentre outros.), tendo em vista o não comprometimento da leitura e, por consequência, a decodificação da mensagem. Por outro lado, quando se trata de aulas de LE, a motivação traçada pelo educador é um dos pilares a serem preconizados nas aulas de E/LE, pois um aluno desmotivado dificilmente terá progresso de aprendizagem,

mas um aluno motivado pelo professor, bem como pelos colegas é capaz de assimilar melhor os conteúdos, como de se sentir instigado a pesquisar e desvendar os desafios, que por ventura apareçam no texto literário.

A formação do saber humano, o progresso das artes, da ciência, da filosofia e da religião se dão pelo intermédio da linguagem que permeia, organiza e edifica todas as atividades humanas. Não apenas a simbolização do mundo, dos elementos tangíveis e sociais, mas a constituição do ser individual, o norteamento dos pensamentos e dos nossos comportamentos, próprios ou alheios, se sucede na e pela linguagem. Nesse sentido as atividades vinculadas ao estudo da gramática perde o sentido, quando não atreladas ao desempenho linguístico dos estudantes, seja na recepção, ou na produção escrita e oral; a prática contínua destas modalidades associadas à reflexão contínua sobre o exercício da linguagem possibilita a extensão dos recursos expressivos; a leitura de textos literários, associados à observação e ao senso crítico/reflexivo de marcas linguísticas que recorrem, permite ao aluno estender seu repertório de conhecimentos diante da língua em estudo, como permite que ele saiba responder aos ditames impostos pelas variadas situações comunicativas.

A língua é uma potência ativa socialmente, sendo o centro pelo qual os indivíduos controlam outros indivíduos, ou resistem a este domínio; uma forma de modificar a sociedade ou impedir tais mudanças; confirmar ou omitir as identidades culturais. Ter o domínio da língua é, pois, uma forma de interação social. Não obstante, através da linguagem e dos símbolos nos é permitido compreender o mundo que nos cerca, dessa forma quando nos tornamos mais competentes nas variadas linguagens, nos tornamos mais aptos para desvendar e interpretar nossa sociedade, como as diferenças existentes entre as culturas. Por outro lado, de acordo com Machado (2011, p.109) a cultura muitas vezes é

[...] associada a tudo aquilo que buscamos como aspiração mais elevada, daí seu comparecimento nas estratégias educacionais como uma espécie de coroamento, de aprimoramento, de lustro, quando alguns objetivos básicos já tiverem sido atingidos. Mas, em seu sentido pleno, a experiência cultural não foge do conflito; ao contrário, é uma constante tensão entre destruição e recriação, entre barbárie e civilização. O desafio do educador não deve ser, portanto, o de apontar para a miragem de um mundo harmônico e perfeito, mas o de estar preparado, afetiva e intelectualmente, para interferir quando os conflitos emergirem, favorecendo um ambiente seguro para a interação na diversidade, em que os alunos possam, sem medo, refletir sobre valores e questionar estereótipos.

Trabalhar com LE não é uma tarefa fácil, principalmente quando se trata de colocar em estudo uma cultura diferente da cultura dos estudantes. O educador, portanto, deve estar apto a construir junto de seus alunos novos conceitos e novos caminhos para desvencilhar as barreiras culturalmente construídas diante do outro. Consideramos muitas vezes que nossa cultura (gostos, vivências, costumes, religiões, dentre outros.) é superior e/ou melhor que a cultura colocada em discussão, quando comparada a nossa. Porém, como descreveu Machado (2011), o grande desafio do educador é justamente o de vencer os preconceitos, bem como as rivalidades que

possam aparecer durante as atividades em sala de aula, sejam elas calcadas nos estereótipos, ou na falsa superioridade existente entre os povos (etnocentrismo). Assim, ainda segundo a autora, o professor não deve se constranger quando surgirem debates ou certo estranhamento por parte dos alunos, diante do novo e/ou desconhecido. Deve o educador, pois, estimular o senso crítico e reflexivo dos estudantes de maneira que eles consigam identificar as diferenças culturais existentes entre a sua cultura e a cultura do outro, para que aprendam, dessa forma, a tolerar as diferenças. Além do mais, devemos considerar que ensinar uma segunda língua não é apenas assimilar vocábulos e regras, mais sim, tentar compreender e desfrutar dos costumes e hábitos de outros povos (nos constituirmos como cidadãos multiculturais e/ou pluriculturais).

A aplicação do texto literário nas classes de E/LE corrobora, então, para a humanização dos alunos, e segundo Gonçalves (2012, p. 43), a presença da literatura teria por finalidade formar cidadãos:

- livres;
- solidários;
- conscientes e em pleno exercício de suas potencialidades humanas (o pleno desenvolvimento do educando);
- conscientes e em pleno gozo de seus direitos civis e políticos (o preparo para o exercício da cidadania);
- aptos para o exercício profissional no mercado de trabalho contemporâneo (a qualificação para o trabalho);

O aluno para pôr em prática estes itens descritos por Gonçalves (2012), precisaria ter na escola o ensino da literatura. Com o intuito de propagar o pleno desenvolvimento crítico e cognitivo, por parte do estudante, as aulas de LE quando subsidiadas pela leitura, permitiria, então, que o aluno se construísse de forma criativa, dinâmica e reflexiva. Com tais requisitos de construção cognitiva, o aluno torna-se mais flexível as barreiras que poderá enfrentar no convívio social e/ou profissional. As aulas de E/LE permitem, dessa forma, não apenas a alfabetização de uma outra língua, como também, pode agregar valores culturais e sociais, quando a consideramos como preconizadora de cidadania.

Gonçalves (2012) expõe, ainda, que a utilização do texto literário nas aulas de LE, ao estimular situações em que os alunos expressem suas opiniões e seus sentimentos, permite que a aquisição da língua seja mais rápida. Para tanto, o autor descreve que as crianças em nível básico de espanhol, ao serem motivadas a leitura, por exemplo, de um pequeno poema, associando gestos e entonações, podem fixar melhor o vocabulário e elementos gramaticais, como os verbos. Além disso, o autor descreve que as aulas de LE que se valem do uso da literatura é capaz de instigar a imaginação dos alunos – a parte lúdica do cérebro – pela gama de recursos de ambiguidades e figuras de linguagem que são trabalhados nos textos.



O que contribuiria de forma significativa para a habilidade leitora dos alunos, ao estimular o senso interpretativo deles, através das mais diversas interpretações que o texto nos permite construir. Ora, o texto literário não é fechado em si mesmo, pelo contrário, ele é aberto as mais variadas interpretações, sendo desvendado a cada nova leitura, podendo, muitas vezes, perpassar as gerações e, assim, causar o mesmo estranhamento e identificação nos leitores. Ademais, Gonçalves discute que o texto literário forma e constroi indivíduos mais criativos e confiantes, pois permite que os alunos se expressem – discutam suas ideias e opiniões acerca dos textos trabalhados nas aulas.

Por outro lado, Antonio Candido (2006) discorre que a literatura não é para si mesma, mas para o social, sendo ela “sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; só vive na medida em que estes vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (p.84). Com tais descrições, ele explicita sobre a tríade autor/texto/leitor e suas relações, em que um texto só poderia existir com a presença de dois elementos fundamentais: escritor e leitor. Ademais, para que uma obra, segundo o autor, tenha validade seria necessário a existência de um “pacto” entre autor e leitor – uma relação de cumplicidade, de troca e de reconhecimento, para assim o texto se concretizar. Sendo o texto literário um elemento social, segundo o autor, pressupomos, então, que as construções intelectivas e interpretativas da literatura se dão no âmbito do coletivo e/ou para o coletivo, ou melhor, para seu público leitor (que se constitui por um gosto eclético e seletivo). Essas descrições sobre a literatura na perspectiva de Candido, nos faz considerar que o ensino da literatura se consolida pelo exercício interpretativo e receptivo dado a obra. Ao trabalharmos o texto literário nas classes de E/LE permitimos que o universo artístico se consolide no imaginário dos alunos, dando vida a um mundo mágico e repleto de sugestões semânticas e linguísticas, o que contribui significativamente para a aprendizagem de uma LE.

De igual modo, Regina Zilberman (2010) descreve que o ato de ler seria de suma relevância, pois

[...] a leitura ajuda o indivíduo a se posicionar no mundo, a compreender a si mesmo e à sua circunstância, a ter suas próprias ideias. Mas a leitura da literatura é ainda mais importante: ela colabora para o fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas. Com efeito, resolvem-se dificuldades quando recorremos à criatividade, que, aliada à inteligência, oferece alternativas de ação. (p. 148).

Efetivamente temos a criatividade como caráter de suma importância para a formação cognitiva dos indivíduos. Ao lermos um texto literário estimulamos nosso senso imagético e crítico, o que possibilita ao processo de ensino aprendizagem uma melhor formação dos alunos. Uma proposta coerente seria, então, através do texto literário criar estratégias de leitura e desenvolver as habilidades linguísticas dos alunos, a fim de formar leitores proficientes. Para tanto, o professor trabalharia o texto o qual elencou em etapas: primeiramente ele faria uma leitura do material em

voz alta com os alunos, para em seguida falar sobre o autor do texto, sobre a época, sobre o gênero e sobre o assunto abordado; depois pediria para que os alunos identificassem as palavras que fossem desconhecidas naquele texto, e com o auxílio de um dicionário bilingue ou não, lhes solicitaria que fizessem a tradução delas. No caso de ser uma aula de verbos ou conjunções, poderia solicitar aos alunos a identificação destes elementos e, então, ser proposto algum exercício. Portanto, o texto literário pode ser adaptado ao ensino de LE, seja para a compreensão de elementos gramaticais, seja para a descoberta de uma maneira nova de ver o mundo, através do olhar de um dado escritor.

Zilberman, não apenas discute essas questões sobre a criatividade, como demonstra que ao lermos um texto literário o indivíduo

[...] abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo; entretanto, as orientações do real não desapareceram, e sim formam um pano de fundo contra o qual os pensamentos dominantes do texto assumem certo sentido. (2010, p. 42).

O mundo representado pelo texto literário corresponde a um grande mosaico. Personagens, objetos e espaços aparecem de forma incompleta e instigante, a fim de serem interpretados e memorizados pelo leitor (cabe ao leitor completar as lacunas existentes no texto). O exercício de completar as lacunas existentes no texto caracteriza a participação do leitor, que, todavia, não pode assegurar se suas interpretações são corretas, já que o texto por ser lacunar, nos permite várias traduções. Contudo, a cada nova leitura, o destinatário é convidado a participar do texto literário de forma a agregar novas possibilidades de interpretação e recepção.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação literária se apresenta como uma figura geométrica tridimensional, um triângulo multi/inter/transdisciplinar que utiliza a língua como instrumento de realização artística; que se define como expressão de arte e cultura; e que se situa em dado contexto social, político, histórico de produção e de consumo.

Leahy-Dios (2001)

Diante de muitos questionamentos sobre a prática de leitura nas classes de E/LE – por nós posto como de suma relevância – procuramos em nosso trabalho, demonstrar como a literatura é relevante para o professor nas classes de LE, pois permitir um ensino “multi/inter/transdisciplinar”, como discutido no excerto acima. A literatura aplicada nas aulas de LE torna-se uma coadjuvante do processo de ensino-aprendizagem, bem como permite que os alunos tenham conhecimentos de elementos específicos da linguagem literária, como as figuras de linguagem. O estudante ao compreender a construção – a estrutura – do texto literário, acaba

por internalizar elementos de grande valor para a construção do seu senso crítico, imagético e lúdico. Elementos estes capazes de colocá-los em consonância com os acontecimentos sociais políticos e culturais os quais eles estão inseridos, visto que a literatura amplia o senso crítico e reflexivo dos alunos, mediante sua linguagem metafórica e rica de elementos representativos de uma dada época e cultura.

Os professores de língua estrangeira e/ou materna têm conhecimento de que ensinar línguas, não é apenas lecionar uma disciplina escolar. As práticas de escrita, fala, leitura e audição em línguas são atividades que requerem esforço e dedicação, além de serem práticas sociais destinadas a um fim. Os indivíduos necessitam da linguagem para se comunicarem e assim estabelecer relações sociais – interagir com o meio social o qual fazem parte. Por essa razão o domínio da linguagem se faz mister, enquanto atividade cognitiva e discursiva para uma melhor integração social dos indivíduos. Ao considerarmos, dessa forma, tais questionamentos, é possível inferirmos que a aprendizagem de uma segunda língua requer a integração do aluno enquanto sujeito ativo – participativo – ao meio social o qual deseja se comunicar. Assim, quanto mais reflexivo e crítico for o estudante, mais fácil será seu entendimento linguístico acerca da língua alvo.

De outra parte, o exercício de literatura nas classes de E/LE por nós proposto, se deu como um grande formador de sujeitos críticos, capazes de interagir socialmente com sua cultura materna, quanto com a segunda língua a ser aprendida. Logo, a aprendizagem de uma língua, por acontecer na interação verbal, mediante interlocutores edificados socioculturalmente, não pode ser assimilada sem a compreensão da cultura.

Ademais, para que a instituição de ensino consiga adaptar as aulas de LE, a um ensino mediado pela literatura, com seus diálogos, é necessário que se crie uma grade curricular que prestigie o plural e a diversidade cultural, seja a nacional como a internacional. O trabalho com o texto literário não traz apenas atividades de interpretação e de conhecimentos linguísticos e gramaticais, traz também, a possibilidade de compreender que a literatura se constitui como representante cultural e, portanto, se constrói em um dado contexto arraigado de costumes, crenças, religiões, dentre outros; o que acaba por instituir um povo e/ou uma nação.

A literatura representa o mundo, mas também, é uma visão de mundo. O que importa no texto literário não é tanto o que se comunica, quanto a maneira pela qual é ele comunicado. A obra literária fecha-se a si mesma, com sua linguagem própria e singular cabendo a nós, leitores, desvendarmos essa linguagem e, por conseguinte, sua mensagem. Ora, o trabalho com o texto literário permite ao professor ampliar as formas tradicionais de ensino, ao trazer para as aulas a análise crítico-reflexiva, bem como a exercício lúdico e cognitivo por parte dos alunos.

Quando propomos, em suma, a prática literária nas aulas de E/LE objetivamos agregar ao ensino formal e/ou tradicionalista de práticas linguísticas e gramaticais, um ensino lúdico e crítico aos alunos. Com o texto literário, buscamos formar

cidadãos participativos, capazes de interpretar os acontecimentos sociais/políticos/econômicos, bem como fossem capazes de compreender que a aquisição de uma segunda língua requer, também, o conhecimento da cultura da língua alvo. O estudo de um outro idioma não é apenas a assimilação de códigos linguísticos, mas é sobretudo, compenetrar-se de uma nova cultura, mediante a tolerância e o respeito (alteridade).

As atividades de LE que trazem a literatura como coadjuvantes das aulas, por nós posto neste estudo, têm muito a ganhar com as leituras dos textos ficcionais, já que permite o exercício interpretativo, recreativo e cognitivo dos estudantes. As leituras ficcionais são repletas de elementos representativos de uma dada cultura, o que permite ao aluno refletir, não apenas em sua própria cultura, mas, sobretudo, em relação à cultura do outro. Compreender, assim, que o outro faz parte de costumes e crenças que muitas vezes são capazes de causar estranhamento e preconceito por aqueles que não estão acostumados, ou melhor, devemos tolerar os hábitos culturais diferentes dos nossos.

Aprender uma nova língua requer, dessa forma, não apenas o conhecimento gramatical e linguístico, como o cultural. Para tanto, as práticas literárias nas classes de E/LE discutidas no nosso trabalho, fica como proposta a ser analisada pelos profissionais do ensino. Através da literatura expor aos alunos uma nova maneira didática e/ou metodológica de aprender uma LE, e por consequência, permitir que esse aluno desenvolva um olhar crítico e interpretativo acerca da língua a ser estudada. Permitindo, ainda, que o estudante desenvolva de forma lúdica seus caminhos para desvendar e assimilar o novo idioma.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A aula**. São Paulo: Cultrix, 1987.

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CÂMARA, J. Mattoso. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.

COSTA, Marisa V. "Estudos Culturais: para além das fronteiras disciplinares". In.: \_\_\_\_\_. **Estudos Culturais em educação**. Porto Alegre: editora UFRGS, 2000, p. 13-36.

EAGLETON, Terry. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Práticas Interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: entre artigos que se completam**. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GONÇALVES, Jeosafá F. **Ensino é crítica: a literatura no Ensino Médio**. São Paulo: Nova Alexandria,

2012.

LEAHY-DIOS, Cyana. Língua e Literatura: uma questão de educação?. Campinas-SP: Papyrus, 2001.

MACHADO, Jurema. “Reflexões sobre a relação entre cultura e a experiência da educação básica no Brasil”. In.: \_\_\_\_\_. COELHO, Teixeira (Org.). **Cultura e Educação**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2011.

MARTINS, Maria H. **O que é Leitura?**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba: Ibpex, 2010.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

### B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

### C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

### E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

### H

Homoafetividade 232

### I

Identidade 123, 132, 135

### L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

### M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

## **N**

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

## **O**

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

## **P**

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

## **Q**

Questões 102

## **R**

Romance 108, 171, 180

## **T**

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

## **V**

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962